

O X MARCA O LOCAL

A História da
Arqueologia em
Oito Descobertas
Extraordinárias

MICHAEL SCOTT



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024

Sumário

Introdução: Quem Liga para o Passado?	1
1 Fazendo as Pedras Falarem	9
2 Areia, Papel e as Rotas da Seda	43
3 A Cidade Perdida (Que Não Estava Perdida e Não Era uma Cidade)	73
4 Nossas Origens	105
5 O que Achamos Quando Cavamos um Poço	133
6 Biscoitos de Metal com Orelhas	163
7 De Volta do Gelo	191
8 Um Achado ao Longo do Tempo	219
Epílogo: O Futuro de Nosso Passado	245
<i>Agradecimentos</i>	253
<i>Notas</i>	255
<i>Índice</i>	299

Fazendo as Pedras Falarem

Na primeira vez que vi a Pedra de Roseta, ela era maior que eu. Colocada em um pedestal, encarcerada em uma antiga caixa de vidro e iluminada pelas luzes auspiciosas da galeria, sua borda superior quebrada transpassava o ar vazio acima dela como os picos do Everest. Isso foi em minha primeira visita ao Museu Britânico, em Londres, aos oito anos. Lembro-me da voz melodiosa do guia turístico repassando os fatos principais dessa pedra. Mas, atrás de sua prisão de vidro, tudo o que eu via eram os milhares de símbolos e letras minúsculos dançando através dela, dando vida à frente dessa placa de granodiorito naturalmente imóvel. Não se tratava de uma múmia egípcia — o que, para ser sincero, era tudo que crianças de oito anos estavam mais interessadas em ver — mas a pedra me impressionou. Em pensamento, visualizei as pessoas diante dela há milhares de anos, como eu estava naquele momento, gravando todos aqueles símbolos e letras que eu observava. Quem eram elas? Como se chamavam? Como eram suas vidas?

A Pedra de Roseta foi descoberta quase 200 anos antes de eu vê-la pela primeira vez, perto da cidade portuária de Rashid, no Egito (conhecida para os ocidentais como Roseta), na parte ocidental do delta do Nilo, de frente para o Mediterrâneo. Em 15 de julho de 1799, durante a invasão napoleônica ao Egito, um tenente francês chamado Pierre-François Xavier Bouchard comandava seus soldados para montar as defesas de um velho forte arruinado perto de Rashid. Enquanto trabalhavam arduamente sob o implacável

calor egípcio para escavar material que pudesse ser usado para reforçar o forte, seus homens desenterraram um bloco de pedra incomum da areia escaudante. A pedra era pesada, media 1,1m de comprimento, 75cm de largura e 28cm de espessura, cerca de metade da altura de uma porta comum, e o tenente Bouchard ficou imediatamente cativado pelo que eu veria 200 anos depois: ela estava coberta de texto.

De acordo com o procedimento militar padrão, Bouchard informou seu superior, Michel Ange Lancret. Ao contrário de Bouchard, Lancret não era apenas um soldado: ele era também membro do Instituto Científico do Egito. O instituto tinha sido criado recentemente por Napoleão Bonaparte para o estudo da geografia, meio ambiente, cultura e história desse país como parte do novo desenvolvimento de seu interesse (sem mencionar o da França e da Europa toda) e desejo de se associar ao antigo Egito. Lancret reconheceu que parte do texto na pedra estava escrito em grego antigo, parte em hieróglifos egípcios e parte em caracteres desconhecidos. Com seu conhecimento de grego antigo, ele descobriu que as últimas linhas nesse idioma registravam a decisão de redigir esse texto igualmente em caracteres “sagrados” e “nativos”: em outras palavras, tratava-se do mesmo texto, traduzido em três idiomas diferentes. E um deles eram hieróglifos egípcios — que ninguém no mundo conseguia traduzir na época. Hoje parece incrível pensar que ninguém sabia ler hieróglifos em 1799, mas qualquer conhecimento da língua tinha sido totalmente perdido pela civilização humana após a adoção do cristianismo pelo Império Romano no século IV EC e o abandono dos cultos “pagãos”, que incluíam templos egípcios e a língua hieroglífica “sagrada” usada na religião. Nos séculos intermediários — quando havia pouco interesse no Egito antigo — essa incapacidade de decifrar hieróglifos não representou um problema. Mas agora que todos voltavam a se interessar pelo Egito antigo, ler textos egípcios tinha se tornado prioridade máxima. E se — como Lancret compreendeu parado sob o sol escaudante — essa pedra tinha dois textos idênticos em grego e hieróglifos, era possível decifrar o código hieroglífico comparando ambos.

Lancret confiou rapidamente a pedra a Bouchard, que deveria escoltá-la para o Instituto Científico do Egito, no Cairo, para estudos aprofundados. Ele enviou uma mensagem para os estudiosos do instituto, seu entusiasmo e empolgação pelo achado rompendo o tom acadêmico discreto como era esperado na época: “o cidadão Bouchard descobriu na cidade de Roseta algumas inscrições cujo exame pode ser de grande interesse.”¹ A notícia da descoberta — e as possibilidades que oferecia — se espalhou depressa. Em 29 de julho de 1799, o *Courier de l'Égypte*, o jornal oficial da expedição napoleônica ao Egito, relatou o evento dizendo: “essa pedra apresenta grande interesse para o estudo de caracteres hieroglíficos; talvez, finalmente, ela nos dê uma solução.”² Ela logo foi chamada de “A Pedra de Roseta” — a chave para desvendar a escrita e, assim, o mundo dos antigos egípcios.³

*

Soldados raramente param devido a pedras, especialmente durante campanhas tão árduas quanto a de Napoleão no Egito. Mas essa não era uma simples tomada de terras — a conquista do Egito pela França tinha ambições e ideais muito mais grandiosos. Em março de 1798, apenas um ano depois da descoberta da Pedra de Roseta, o Diretório (*le Directoire* em francês) — o grupo de cinco membros do comitê que governavam a França após a sísmica revolução de 1789 — autorizou uma expedição ao Egito. Depois de perder a corrida pelo controle e influência na Índia para a Grã-Bretanha, as autoridades francesas encaravam a conquista militar do Egito como uma resposta crucial em relação à condição enfraquecida da França no cenário mundial.

Contudo, outro objetivo igualmente importante da expedição foi posicionar a França como herdeira do rico e cativante patrimônio histórico e cultural do antigo Egito. Desde o início do século XVI o país fizera parte do império otomano, e antes disso, a partir do século VII, fora um dos integrantes do mundo árabe. Portanto, esteve fora do alcance do Ocidente durante séculos. Entretanto, durante o período do Iluminismo Europeu nos séculos XVII e XVIII, a história do antigo Egito tornou-se elemento importante do pensamento ocidental — para as potências europeias, o Egito oferecia o

contexto fundamental para narrativas bíblicas e, por outro lado, era fonte de conhecimento esotérico, revelações místicas e magia.⁴ Por exemplo, copiar a arquitetura egípcia nesse período, por seu estilo tão diferente de tudo que havia na Europa na época, era sinal de que você era um livre-pensador, aberto a ideias novas e radicais.

O problema era que, na Europa, de fato sabia-se muito pouco sobre o Antigo Egito, suas construções, sua cultura e história (além do formato geral das Pirâmides de Gizé, reconhecidas apenas como monumentos funerários, e não como repositórios das narrativas bíblicas de José), porque visitá-las era difícil e perigoso. Entre 1650 e 1800, há somente 50 relatos em primeira mão de visitas de ocidentais ao Egito (o que se compara favoravelmente a apenas seis no período de 1500 a 1650).⁵ Porém, 27 desses relatos eram de exploradores franceses. A França desenvolvia depressa uma afinidade especial com o antigo Egito, não por suas conotações bíblicas, mas pelo seu valor simbólico como algo radicalmente diferente da tradição atual. E quando a França mergulhou na revolução — o supremo pensamento radical — em 1789, esse sentimento de camaradagem só fez aumentar.

Ao mesmo tempo, o outro modelo para a Revolução Francesa — o do nascimento da República Romana, em que Roma aboliu a monarquia assim como a França — deu às autoridades francesas outra razão para se interessar pelo Egito. Pois foi a República Romana (ou pelo menos sua fase final antes da queda e de se tornar um império sob Augusto) que dominou o Egito na antiguidade — a era de Júlio César e Marco Antônio enfeitados por Cleópatra. Ao lançar seu olhar para o Egito, a França não só reequilibrou o mapa geopolítico para se opor à moderna influência britânica na Índia, mas também afirmou sua identidade cultural como herdeira do pensamento radical e místico do antigo Egito e como a próxima República Romana, (re)criando um império. E, o melhor de tudo, ao se voltar para o Egito, a França revolucionária ainda representaria o papel de libertadora, livrando-o do Império Otomano. Assim, ao contrário dos romanos que conquistavam meramente por ganhos territoriais (e, de fato, ao contrário da recente conquista da Índia pela Grã-Bretanha), os franceses poderiam alegar estar con-

quistando o Egito em busca da *liberté*. Como contrapeso à ironia de tentar libertar o Egito e anexá-lo ao próprio império, os franceses argumentaram que estavam assegurando a prosperidade daquele país. Como disse o ministro das Relações Exteriores da França, em 1798:

O Egito era uma província da República Romana; ele precisa se tornar uma província da República Francesa. O governo romano viu a decadência desse país maravilhoso; o governo da França o fará prosperar. Os romanos tiraram do Egito reis notáveis nas artes e na ciência; os franceses o tirarão das mãos dos mais aterrorizantes tiranos que já existiram.⁶

Nessa época, Napoleão era um general surpreendentemente bem-sucedido no exército francês. Nascido na Córsega em 1769, ele se alistou em 1785, antes da Revolução. Em 1796, liderou o exército em vitórias extraordinárias contra as forças austríacas na Itália. Ele era também um estorvo para o Diretório que, preocupado com seu próprio apego ao poder, sentiu que ele estava se tornando popular demais. Enviar Napoleão para o Egito como encarregado da expedição possibilitou ao Diretório afastá-lo da influência política em Paris. Para o general, contudo, isso era exatamente o que queria. A medida não só lhe permitiu evitar que sua reputação de revolucionário fosse manchada por possíveis envolvimento em inúmeras tramas que se espalhavam contra o Diretório em Paris, mas ainda lhe deu a oportunidade de se cobrir com os louros do sucesso militar da conquista e exploração do poderoso significado cultural do antigo Egito. Ao planejar a expedição, seus modelos históricos não estavam na República Romana, mas sim no primeiro imperador de Roma, Augusto, que conquistara o Egito (e forçara o suicídio de Cleópatra e Marco Antônio) e, séculos antes disso, Alexandre, o Grande, que criou um império que se espalhou do Mediterrâneo até a Índia.

A expedição de Napoleão partiu de Toulon em 19 de maio de 1798. Era formada por 17 mil soldados e marinheiros, mil peças de artilharia e 700 cavalos (Napoleão esperava obter camelos no Egito). Acompanhado por vários navios de diferentes portos, essa foi a maior força expedicionária a

navegar para o Egito desde a da Roma antiga no século I AEC.⁷ Mas essa não era uma expedição comum. Dada a necessidade não só de conquistar o Egito, mas ainda de estudá-lo e de herdar sua cultura ancestral, entre os soldados também havia um grupo conhecido simplesmente por “*les savants*”, “os sábios”.⁸ Cento e cinquenta e um homens foram escolhidos entre todos os ramos de conhecimento e pesquisa: topógrafos, engenheiros civis, mecânicos, engenheiros de minas, matemáticos, naturalistas, astrônomos, artistas e tipógrafos. Composto por alguns dos mais notáveis homens da França de então, incluindo Nicolas-Jacques Conté, o inventor do lápis de grafite, *les savants* eram liderados pelo cientista Jean-Baptiste Joseph Fourier.⁹ E, para acompanhá-los, havia uma cópia de todos os livros sobre o Egito disponíveis na França naquele período, além de inúmeras unidades de equipamentos científicos e de medição. Napoleão estava tão preocupado com as consequências para a França caso sua *crème de la crème* intelectual fosse morta ou capturada pelos britânicos enquanto a flotilha navegava para o Egito que, a fim de reduzir quaisquer riscos em potencial, *les savants* foram igualmente divididos entre os dezessete navios de guerra franceses. Por cautela ainda maior, cada grupo de especialistas (de topógrafos, astrônomos etc.) foram espalhados por navios diferentes para garantir que mesmo se alguns fossem capturados, haveria ao menos alguns especialistas de cada disciplina que chegariam ao Egito — como a antiga tradição pela qual herdeiros diretos do trono britânico não tinham permissão de viajar juntos para garantir a sobrevivência da linhagem na eventualidade de um acidente catastrófico.

No entanto, antes que esse grupo pudesse realizar seu trabalho, a terrível tarefa de conquistar o Egito teria de ser completada. Napoleão chegou ao litoral egípcio perto de Alexandria em 1º de julho de 1798. Não perdeu tempo: partiu imediatamente para a cidade antes mesmo de todo o exército desembarcar. Alexandria era um porto e uma cidade comercial guarnecida por tropas de mamelucos. Estes soldados, que originalmente compunham um exército de escravos no mundo muçulmano, conquistaram o poder, criaram a própria dinastia e governaram o Egito e a Síria do século XIII ao século XVI. Depois, conquistados pelos otomanos, passaram a fazer parte

formal desse império, mas cujo dia a dia ficou por conta do Egito. Por volta de 1790, porém, o Império Otomano estava em pleno declínio e os mamelucos ficaram novamente sob o efetivo controle do Egito e os únicos deixados para defendê-lo. Contudo, seu poderio militar era limitado. Alexandria foi dominada por Napoleão em apenas três horas em 2 de julho de 1798, com os últimos elementos de seu exército desembarcando apenas em 3 de julho.

Cinco dias após tomar Alexandria, Napoleão partiu com seu exército para tomar o Cairo, a fortaleza das forças mamelucas. Foi uma marcha punitiva de 2000km pelo deserto egípcio no calor escaldante do verão. O exército francês, com seus uniformes pesados e quentes, estava absurdamente mal equipado — muitos soldados nem ao menos carregavam um cantil. Os mamelucos haviam sabotado a maioria das fontes no trajeto, deixando muitos franceses morrerem de sede e exaustão pelo calor. Vários cometeram suicídio para não enfrentar mais as extenuantes condições. Entretanto, apesar de chegar ao Cairo esgotadas, em número menor e moral baixo, as forças de Napoleão conseguiram derrotar os governantes mamelucos do Egito naquela que passou a ser conhecida como a Batalha das Pirâmides. Napoleão entrou no Cairo como o conquistador do país em 25 de julho de 1798, menos de um mês após aportar em suas praias.

Mas o sucesso de Napoleão durou pouco. Apenas seis dias depois, em 1º de agosto de 1798, o almirante britânico Horatio Nelson, então com apenas um olho e um braço, tendo perdido os outros em batalhas anteriores, navegou até a baía de Abuquir na costa mediterrânea do Egito. Suas ordens eram impedir as tentativas dos franceses de adicionar o Egito a seu império e, em geral, causar-lhes o máximo de danos possível. Ao chegar onde a frota francesa estava atracada, e com a maioria de seu exército a centenas de quilômetros perto do Cairo, Nelson decidiu que a medida mais inteligente não era aportar e tentar encontrar o exército de Napoleão, mas infligir-lhes o máximo de danos à capacidade deles dominarem os mares. Imediatamente conseguiu destruir todos os navios de guerra, com exceção de dois. Em reconhecimento ao surpreendente feito, mais tarde recebeu o título de Lorde e,

na verdade, o caixão em que foi enterrado foi feito com a madeira do mastro do navio-almirante francês destruído naquele dia.¹⁰

Napoleão tinha navios de transporte em número suficiente, mas nenhum navio de guerra para protegê-los. Eles seriam alvos fáceis em mar aberto para a frota britânica. Assim, de repente, ele se viu confinado no Egito — conquistador de uma terra da qual não podia partir em segurança. Igualmente, porém, os britânicos, nesse ponto, não tinham os soldados necessários para lutar contra Napoleão em terra, e tiveram que se contentar com o controle dos mares. Diante desse impasse, sem poder ser desafiado em terra, mas também sem poder partir, Napoleão voltou a atenção para a segunda prioridade da expedição ao Egito: a descoberta.

Ele agiu rápido e criou o Instituto Científico Egípcio como o epicentro intelectual para *les savants* e sua missão de decifrar os mistérios do Egito. Fourier, o líder dos *les savants*, foi nomeado secretário permanente do Instituto e seus quatro ramos de pesquisa: matemática, ciência física, economia política, e artes e letras. A sede foi instalada em um antigo palácio dos mamelucos nos arredores do Cairo, na qual seus membros realizavam as reuniões formais em salas que costumavam abrigar o harém do governador.¹¹ Foi ali, pouco menos de um ano depois, em 1799, que o primeiro relatório oficial sobre a Pedra de Roseta, enviado por Michel Ange Lancret com a pedra para o Cairo, seria lido e onde muitos outros (agora desacreditados) insights do ambiente, a cultura e a história egípcia seriam entregues.¹²

Napoleão visitou a Grande Pirâmide de Gizé para ver o trabalho inicial do Instituto, que supervisionava a desobstrução das câmaras internas e o labirinto de passagens do interior na pirâmide, seguindo os passos (e, o lixo, sem dúvida) de muitos que conseguiram entrar nela ao longo dos séculos para saquear ou apenas explorar. Engenheiros franceses estimaram que havia pedras suficientes nas Pirâmides de Gizé para construir um muro de meio metro de largura e três de altura ao redor da França.¹³ Algumas fontes afirmam que Napoleão pediu para ser deixado sozinho na câmara do rei no coração da Grande Pirâmide, talvez contemplando os grandes triunfos e

criações desses antigos governantes, comparando-os com o que ele próprio gostaria de atingir.

Os membros do Instituto ficaram mergulhados no trabalho — porém, não estavam separando tesouros e artefatos antigos, como você pode imaginar. Em vez disso, o trabalho era, em sua maioria, relacionado à compreensão do território egípcio e à melhor forma de utilizá-lo — visto que o exército procurava fortalecer sua posição no caso de os britânicos decidirem empregar forças terrestres — e também à melhora da comunicação e das viagens entre cidades importantes. Em termos de monumentos antigos a serem estudados em Alexandria e no Cairo — exceto as Pirâmides e a Esfinge (que estava sendo desenterrada da areia gradualmente) — havia muito pouco na mesma escala gigantesca para surpreender e empolgar. Isso só mudou quando o exército, acompanhado por um pequeno grupo de *savants*, partiu para explorar o Alto Egito.¹⁴ Essa área do sul do Egito era totalmente inexplorada por viajantes e comerciantes ocidentais, que a consideravam apenas perigosa e longe demais para justificar uma aventura. Todavia, as forças de Napoleão, avançando cada vez mais para o sul no final do outono e inverno de 1798, ficaram boquiabertas diante das gigantescas maravilhas que presenciaram. Admirados diante dos imensos complexos de templos em Dendera, completados com edifícios e esculturas decoradas, diz-se que eles irromperam em aplausos espontâneos quando viram os grandiosos vestígios da antiga cidade de Tebas (hoje, Luxor) pela primeira vez.¹⁵ Freneticamente, o chefe *savant* da expedição ao Alto Egito, Dominique-Vivant Denon, traçou esboços dos prédios que viram: estátuas gigantescas erguendo-se acima da paisagem, templos quase atingindo o céu posicionados diante das dunas móveis; maravilhosos edifícios decorados muitas vezes encontrados cobertos parcialmente pela areia. Mais tarde, ele contou que nenhuma outra obra realizada por mãos humanas podia mostrar a humanidade em tal esplendor. Ao entrar nas ruínas de Dendera, os egípcios lhe pareceram gigantes. Parece que o principal problema para *les savants*, como um todo, foi acabarem-se os lápis com os quais registrar suas observações com entusiasmo, até que seu inventor, Conté, como um dos *les savants* baseados no Egito, recebeu a tare-

fa de produzir mais. Muitos, inclusive os que, como Denon, trabalhavam à distância, no Cairo, passaram a fundir balas de chumbo para produzir seus próprios lápis.¹⁶

Enquanto isso, em fevereiro de 1799, Napoleão teve de partir para a Síria a fim de neutralizar uma nova ameaça do Império Otomano, que tentava retomar o Egito. Ao saber que os otomanos planejavam uma invasão dupla — por mar (com ajuda da frota britânica no Mediterrâneo, que adotou a posição de que o inimigo de seus inimigos era seu amigo e, assim, ficou satisfeita em ajudar os otomanos a derrotar os franceses, poupando-lhe o trabalho de fazê-lo) e por terra (chegando ao Egito pela Síria) — Napoleão marchou com suas tropas para a Síria para interceptar o exército otomano. Em parte, foi bem-sucedido em desacelerar seu avanço, mas não conseguiu impedi-lo totalmente. Em julho, ele voltou a Alexandria para liderar suas tropas contra a invasão por mar dos otomanos/britânicos, durante a qual as tropas inimigas desembarcaram na baía de Abuquir, onde anteriormente Nelson havia destruído a frota francesa. Desta vez, Napoleão teve êxito em impedir o avanço otomano — mas sabia que era uma situação provisória e que era uma questão de tempo para que o Egito fosse reconquistado e a França expulsa de vez.

Despachos da França ainda informaram Napoleão que complôs contra o Diretório geraram frutos. De repente, a ação não estava mais no Egito, para Napoleão — se houvesse uma vaga no governo a ser preenchida (de preferência por ele), precisava estar em território francês. Em completo segredo, no final de agosto de 1799, Napoleão, acompanhado pelo *le savant* Dominique-Vivant Denon e alguns outros, embarcou em um navio e passou pela frota britânica de volta à França, deixando o exército francês e a maioria dos *les savants* no Egito. Napoleão os instruíra a prosseguir com o trabalho de realizar um levantamento e uma documentação sistemáticos das antiguidades egípcias e deixou o exército nas mãos do General Kléber (mas não o informou de que estava deixando o Egito). Em outubro, Napoleão estava de volta a Paris, criando histórias sobre seus (limitados) sucessos no Egito (antes que quaisquer notícias reais da posição vulnerável em que deixara o

exército se tornassem públicas). Com o *timing* perfeito e apoiado pela glória de suas recentes “vitórias”, ele se lançou ao papel principal no *coup d'état* que expulsou o Diretório em 9 de novembro de 1799, e assumiu a posição de primeiro “cônsul” do Triunvirato (os três homens mais importantes) que então governou a França. Ele se tornou imperador em 1804.

*

Foi nesse mês excitante, entre meados de julho e agosto de 1799, quando Napoleão estava tramando sua volta à França, que a Pedra de Roseta foi encontrada e enviada para o Instituto Científico do Egito, no Cairo. Dado tudo o que ocorria na época (a batalha de Abuquir contra os otomanos; a partida apressada e secreta de Napoleão; o abandono do exército francês e dos *les savants*), o fato de atrair tanta atenção imediata é uma prova concreta do quanto essa descoberta foi importante.¹⁷ Entretanto, devido ao momento, até hoje ainda não se sabe ao certo se Napoleão teve oportunidade de ver a pedra antes de deixar o Egito. Não há dúvidas de que foi informado — ele era apaixonado pelo trabalho do Instituto — mas sabendo-se que ele se encontrava em Alexandria nas semanas após a descoberta e envio da pedra para o Cairo, é possível que os dois tenham se cruzado sem se ver. O grande líder da expedição talvez nunca tenha realmente visto o que seria sua maior descoberta.

Na verdade, quando o exército francês e *les savants* aceitaram o fato de terem sido abandonados no Egito, a Pedra de Roseta se tornou seu foco de atenção ainda maior. Enquanto o General Kléber iniciava negociações para a rendição dos britânicos, *les savants* começavam a fazer cópias impressas das inscrições da pedra cobrindo-a com tinta tipográfica, colocando papel sobre ela e então passando um cilindro de borracha indiano até que uma boa impressão fosse passada ao papel.¹⁸ Seu objetivo imediato não era entender o texto em si — eles já conheciam a essência do que dizia, por conseguirem ler facilmente a parte em grego antigo na pedra. E o conteúdo não era arrasador — era um documento datado de 196 AEC relacionado a reduções fiscais concedidas a sacerdotes egípcios durante o reinado de Ptolomeu V.

Não — em vez disso, o que empolgou Lancret e *les savants* foi o que a pedra poderia revelar além daquele texto. A escrita grega na pedra especificava que o mesmo também estava gravado em letras “sagradas” (ou seja, hieróglifos), e no que a pedra chamava de caracteres “nativos” — uma língua da qual ninguém ouvira falar até então. A magia da Pedra de Roseta estava no fato de que ela poderia oferecer a chave para, finalmente, traduzir hieróglifos. E se pudessem realizar esse feito, então *les savants* poderiam ler uma língua que ninguém havia conseguido decifrar por cerca de 1.400 anos (além de, talvez, ler a língua “nativa”, seja lá qual fosse ela).

Les savants tinham consciência do quanto seria esclarecedor poder ler hieróglifos egípcios. Suas descobertas iniciais no Egito em 1798–1799 tinham lhes mostrado a riqueza e abundância não só da arte e arquitetura egípcias, mas também de seus escritos. As paredes dos templos eram cobertas por textos hieroglíficos, assim como estátuas e outras pedras como a de Roseta. Se os estudiosos da época — principalmente os franceses — queriam explorar a riqueza do conhecimento místico, as ideias e o “livre pensamento” que o Egito antigo representava, e declarar-se herdeiros de suas realizações culturais, nada era mais importante do que saber ler a língua “sagrada” egípcia oficial dos hieróglifos.

E talvez nada fosse mais desagradável do que saber que a humanidade seria, é claro, capaz de fazê-lo em certa época — mas que a habilidade se perdera no tempo. A capacidade de ler hieróglifos continuou muito além dos anos de construção das Pirâmides (cerca de 2500 AEC) — como a Pedra de Roseta provou, os egípcios ainda escreviam em hieróglifos em 196 AEC. Na verdade, a última inscrição hieroglífica que conhecemos foi feita em 24 de agosto de 394 EC, gravada em pedra na entrada de um templo na ilha de Filae, perto de Assuã, no Alto Egito.¹⁹ Mas com a crescente popularidade do cristianismo no mundo romano durante os primeiros séculos EC, e sua adoção como religião oficial de Roma a partir do final do século IV EC, a escrita em hieróglifos — como expressão do culto divino egípcio a vários deuses — foi rejeitada como símbolo do paganismo. As comunidades deixaram de usá-la e aprendê-la como se fosse vítima de uma praga, temero-

sas da perseguição terrena e condenação divina. A humanidade, como um todo, escolheu esquecer como ler e escrever a língua de uma de suas principais civilizações antigas. Agora, porém, havia uma chance de recuperar esse conhecimento. E quem o fizesse (além de sua nação), poderia alegar ser o herdeiro da conquista egípcia ancestral por direito. A corrida para decifrar a Pedra de Roseta começara e ocuparia algumas das mentes mais brilhantes da Europa pelos próximos 250 anos.

Contudo, a Pedra de Roseta ainda tinha um futuro turbulento à sua frente. O General Kléber tinha iniciado negociações de rendição com os britânicos imediatamente após saber da partida secreta de Napoleão. Elas prosseguiram com tranquilidade durante o outono e inverno de 1799 e, em 27 de março de 1800, *les savants* e a pedra embarcaram em um navio para Alexandria na esperança de voltar à França. Mas o navio não recebeu a permissão final para partir enquanto o governo britânico, em Londres, refletia sobre os termos de paz elaborados em terreno egípcio. *Les savants* permaneceram a bordo durante um mês com a preciosa Pedra de Roseta, esperando todos os dias pela informação de que poderiam partir.²⁰ A permissão, no entanto, nunca veio. Em vez disso, o governo britânico rejeitou o tratado e exigiu rendição incondicional. A guerra estava de volta, e *les savants* — com a Pedra Roseta — retornaram ao Instituto Científico do Egito.

A já vacilante causa francesa não se beneficiou quando, em 18 de junho, um nativo egípcio assassinou o General Kléber, que foi substituído pelo General Menou.²¹ Os franceses continuaram a luta por meses, com a última reunião registrada do Instituto em 22 de março de 1801.²² Naquele mês, os britânicos desembarcaram as tropas na baía de Abuquir, e o General Menou se viu obrigado a liderar tropas remanescentes (e *les savants* com sua preciosa Pedra de Roseta) para confrontá-los. Derrotado em batalha, Menou e os restos enfraquecidos do exército retiraram-se para Alexandria, onde foram sitiados pelos britânicos até Menou oficialmente oferecer rendição incondicional em 30 de agosto de 1801.

Porém, os britânicos queriam os despojos de guerra — que incluía a Pedra de Roseta. Mas como a informação dessa pedra em especial chegou à